

Turno da fome tem mais de 40 mil alunos com 2 horas de aula

Dez por cento das 410 mil crianças da rede oficial de ensino estão estudando em turnos intermediários com apenas duas horas de aula. A secretária de Educação, Stella dos Cherubins, reconhece que essa situação não é a ideal, mas acha que entre dar um menor tempo para todas ou dar muito tempo para algumas e deixar as outras sem nada, é melhor ficar com a primeira opção.

Segundo a secretária, este ano está ocorrendo um fenômeno diferente, com um grande aumento no número de matrículas, tanto na periferia, especialmente nos assentamentos, como no Plano Piloto. Para ela, isso caracteriza uma evasão da escola particular.

“A busca da escola pública se dá por três aspectos: pela crença na Educação, como uma forma de melhorar de vida; pela valorização da escola pública, que retoma seu grau de reconhecimento; e em terceiro, evidentemente, por causa das condições de natureza econômico-financeira”.

Stella diz que, para suprir a demanda, nas áreas de assentamento foram construídas cerca de 400 salas de aula só no ano passado. Além disso, em 1991 foram entregues à comunidade

mais 15 escolas e existem mais seis na fila, entre escolas reformadas, ampliadas e construídas. Sem falar em mais dez que estão em construção e devem estar concluídas até abril.

“Mesmo com todas essas obras ainda temos algumas dificuldades que nos obrigam a manter os turnos intermediários. O nosso plano de trabalho era acabar até junho com esses turnos. Mas com o aumento das matrículas vamos mantê-los para não deixar as crianças fora da escola”.

A estratégia de trabalho da secretária é fazer com que o professor retorne à sala de aula, que tem absoluta prioridade sobre as funções administrativas. Segundo ela, a secretaria está atuando com 95 por cento de regularidade em relação a 1991.

Há áreas específicas de dificuldade, por falta de profissional no mercado, como nas disciplinas de Física, Química e Biologia, reconhece Stella. Por isso, estão sendo feitos contatos com o reitor da UnB, solicitando maiores possibilidades para a formação de professores nessas áreas, com a abertura da UnB à noite. “É um trabalho a médio e longo prazos, e a curto prazo o que estamos fazen-

do é dobrar a carga dos professores disponíveis”.

Repetência — Comparado à média nacional, o índice de repetência no DF está em patamares bem menores. De acordo com a secretária, as estatísticas de Brasília variam de acordo com a área e em alguns casos chegam a um pouco mais de 30 por cento. “Essa é a nossa média, de 20 a 30 por cento. Em termos nacionais a variação é de 30 a 50 por cento, que é muito alta”.

Mas Stella não está satisfeita com esses números. Afinal, 20 por cento de 400 mil alunos são 80 mil repetências. “Espero, não só do ponto de vista da economia da educação, mas do ponto de vista social, que revertamos isto. Realmente é uma perda muito significativa”.

Ciacs — Para a secretária, o Ciacs é uma grande oportunidade de se avançar em questões crônicas da Educação e na atenção integral às crianças. Ela acha que o Ciacs representa o resgate da história da Educação em Brasília e é ainda mais abrangente, na medida em que integra educação, saúde, cultura, educação física, recreação, creche numa só proposta.